



JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

| ENTREVISTA |

« A linguagem num livro para crianças deve ser o mais rica possível e inteligente, porque as crianças são mais inteligentes que os adultos »

Mariana Sim-Sim David | Joana Caldeira

Quando convivem durante muito tempo numa estante, os livros tendem a casar-se e a produzir títulos novos e improváveis. Talvez José Eduardo Agualusa o saiba por ter crescido rodeado por todo o tipo de livros, além das histórias de encantar que lhe contavam os familiares. Nasceu no Huambo (1960), em Angola, e viveu nesse país, sempre muito perto da natureza, até começar os estudos universitários em Lisboa. Uma «visão romântica» levou-o a escolher os cursos de Silvicultura e Agronomia, mas as Letras aliciavam-no desde que leu *Eça de Queirós* e ainda jovem começou a escrever para revistas e suplementos de jornais. Depois vieram os romances, as peças de teatro e os livros infantis, estando parte da sua obra traduzida e publicada em numerosos países, dentro e fora da Europa. Em 2007, o jornal britânico *The Independent* e o Conselho das Artes do Reino Unido distinguiram o seu romance *O Vendedor de Passados*.

Visitamos muitos sítios quando lemos os seus livros: a sua obra, assim como o seu português «com sotaque», denunciam a mistura de culturas em que se movimenta e a quantidade de países que visita e em que vive para alimentar aquilo que escreve.

Viveu até que idade em Angola? Como foi depois a transição para Lisboa?

Vivi a minha infância toda e a minha adolescência. Depois, vim estudar para Lisboa Agronomia e Silvicultura, que é engenharia das florestas. Não foi difícil porque tinha amigos e criei outros amigos...

Tem recordações de infância ligadas aos livros?

Fui educado numa casa com muitos livros; a minha mãe era professora de português e de francês, e o meu pai também sempre gostou muito de livros. Nesse aspecto tive sorte, porque cresci numa casa cheia de livros e nunca os meus pais me impediram o acesso a nenhum livro, nunca me disseram «Não podes ler este ou aquele...». Eu lia conforme encontrava os livros e conforme, ao ler, ia achando que gostava ou não gostava. Os livros para mim foram uma descoberta sempre; estava rodeado de livros e, portanto, era quase inevitável.

Quais foram os autores que lhe despertaram o interesse pela leitura e pela escrita?

O autor que me deu vontade de começar a escrever foi o Eça. Li primeiro *Os Maias*, lembro-me muito bem, e nos meses seguintes li tudo do Eça, tudo. Mas, curiosamente, lembro-me que quando era bem criança, gostava muito de Camões. O Camões e *Os Lusíadas* têm uma coisa redonda, e têm aquela coisa épica, de aventuras... É um livro de aventuras e pode ser lido, deve ser lido, como um livro de aventuras. E, por incrível que pareça, ou por estranho que pareça, eu gostava muito; acho que gostava mais do que agora até.

Por que decidiu estudar Silvicultura e Agronomia e não Letras?

Porque achava que era importante. Eu gostava muito de tudo o que estivesse relacionado com a vida na natureza; achava que podia ser feliz trabalhando como agrónomo, como silvicultor – tinha uma visão um bocado romântica...

E as suas áreas de formação universitária estão presentes de algum modo na sua escrita?

Não, acho que não. Costumo dizer que só guardei os factos poéticos, quer dizer, lembro-me de coisas como o nome científico da Bananeira, que é *Musa paradisiaca*, o nome do Embondeiro, *Adansonia digitata*; lembro-me de uma coisa que ninguém sabe que é a enzima que faz com que o vaga-lume (o pirilampo) produza luz, que é a luciferase. Enfim, fixei as coisas que não têm importância nenhuma.

Quando é que a vontade de escrever se sobrepôs?

Não sei, acho que foi pouco a pouco. Ainda na faculdade, criei uma revista, criei duas até, com um grupo de estudantes africanos – uma primeira revista que se chamava *Caminho Longe* e outra revista com estudantes angolanos, que se chamava *Angolando*. A partir daí

comecei a escrever, a publicar nessas revistas, contos; depois comecei a publicar também no *Diário de Notícias*, que naquela altura tinha um suplemento para os jovens poderem escrever, o *DN Jovem* – aliás, o José Luís Peixoto começou aí e o Pedro Mexia também. E era engraçado: encontrávamo-nos de vez em quando, discutíamos.

Como surgiu a ideia de fundar a editora Língua Geral, em 2006, com Conceição Lopes e Fatima Otero?

A Língua Geral foi uma proposta de uma amiga minha brasileira; foram duas amigas brasileiras que me convidaram e foi muito simples: uma entrou com o dinheiro, outra com o espaço e eu, no fundo, o que dei foi as ideias.

E que autores publicam?

A ideia era publicar apenas autores de língua portuguesa. Temos publicado autores mais conhecidos, como o Pepetela, e outros que na altura estavam a começar, como o Ondjaki, e que já têm um público grande no Brasil, e autores portugueses, como a Patrícia Reis; mais jovens, sobretudo. Também temos publicado muitos autores brasileiros, sobretudo fora do eixo Rio-São Paulo, enfim... Já vai nuns setenta títulos.

Divide o seu tempo entre países diferentes. Fá-lo por opção ou por obrigação?

Por obrigação não, mas digamos que é uma consequência do meu trabalho como escritor.

Tem um país que sinta mais como a sua casa do que os outros?

Não. Quer dizer, se me perguntar por uma cidade, eu gosto muito do Rio de Janeiro. Já vivi no Rio e podia voltar a viver lá. É uma cidade que reúne uma série de condições que outras cidades têm separadamente: tem praias fantásticas, é uma cidade rodeada de praia; como uma lagoa incrível no meio da cidade que dá uma luz muito particular à cidade; aqueles morros; o verde, muito verde... É uma cidade muito exuberante. Eu lembro-me que quando vivi no Rio, o meu apartamento situava-se diante da Floresta da Tijuca e bastava abrir a janela e os macacos entravam para roubar bananas.

Que vantagens e desvantagens tem esse modo de vida?

Não sei se tem desvantagens. A vantagem de viajar é evidente: é encontrar pessoas, conhecer pessoas. Todos os dias a gente encontra pessoas diferentes, histórias, e para um escritor isso é interessante. Também obriga a pensar no facto de mudar de ambiente... Não vejo desvantagens; a desvantagem às vezes é que preferiria estar num determinado lugar.

E essa alternância entre os vários países influencia a sua escrita e as histórias, cenários e personagens dos seus romances?

Naturalmente. Os livros são estruturas orgânicas que recebem aquilo que está à volta; são influenciados pelo meio: se está a chover, se não está a chover, se está um dia claro, se não está um dia claro... Acho que tudo isso entra no romance, ainda que a pessoa não se dê conta. Os livros são estruturas orgânicas: recebem tudo.

Antes da escrita, como investiga?

Depende do livro. Todos os livros o exigem, mas há livros que são sobretudo produto da imaginação. Um livro como *O Vendedor de Passados* [2004. Lisboa: Edições Dom Quixote] é um livro que sai quase inteiro de dentro de mim, exige apenas um pouco de pesquisa porque o narrador é uma reencarnação do Borges, mas não muita. Outros livros exigem mais, depende... *O Ano em que Zumbi Tomou o Rio* [2002. Lisboa: Edições Dom Quixote] foi um livro que me exigiu muita pesquisa no terreno: tive de subir morros, falar com as pessoas, traficantes, etc.

Por que é que, no seu romance mais recente, *Barroco Tropical* [2009. Lisboa: Edições Dom Quixote], optou por contar uma história que se passa no futuro?

Porque era uma maneira de tentar prever, estudar como é que podem evoluir certas dinâmicas que já estão presentes hoje na sociedade. Isso é um exercício interessante, tentar imaginar como é que aquelas dinâmicas poderiam evoluir ou não.

De entre os personagens que criou, há algum que considere especialmente parecido consigo?

Comigo? [Risos] Não sei, acho que todos os personagens recolhem elementos do autor, isso é inevitável, não é novidade nenhuma... Neste último livro há coisas minhas no narrador, há coisas minhas na cantora, há coisas minhas no jornalista, que é o mau da fita, um pouco... e há lá um episódio da infância dele que é retirado da minha infância. Essas coisas são mesmo assim. Todos os personagens têm alguma coisa de mim e depois são compostos com outras coisas de conversas, de outras pessoas... A gente nem sabe muito bem como é; é um processo um bocado mágico...

E tem personagens pelas quais sente mais afecto?

Talvez sim. Eu gosto das personagens femininas, de uma forma geral, como a Dona Ana Olímpia da *Nação Crioula* [1997. Lisboa: TV Guia Editora].

Por que é que quis escrever livros infantis?

Porque era um desafio. Quando me propuseram isso, achei que não era capaz porque, ao contrário do que muita gente imagina, penso que é mais difícil escrever para crianças. As pessoas pensam que qualquer um pode escrever para crianças, e é exactamente o contrário; acho que escrever para crianças é um desafio enorme e uma responsabilidade muito grande. Primeiro, porque estamos a captar leitores, a seduzir novos leitores e a tentar entrar num mundo que já foi nosso mas que não é nosso já; é contar histórias que sejam capazes de atrair as crianças, com uma linguagem rica e acessível – a linguagem não pode ser pobre, mas deve-se conseguir que as crianças entendam, mesmo quando não compreendem determinadas expressões, sem ser demasiado didáctico. Tudo isso é um desafio. A linguagem num livro para crianças deve ser o mais rica possível e inteligente, porque as crianças são mais inteligentes que os adultos (isso acho que está comprovadíssimo: a gente nasce com a inteligência toda e vai-a perdendo enquanto envelhece). Portanto, as crianças são extremamente inteligentes, são capazes de perceber as coisas, de adivinhar, de intuir; não têm, evidentemente, as ferramentas todas

(culturais...), mas a inteligência têm. Revolta-me muito certos livros para crianças (às vezes eu leio para os meus filhos) que são completamente estúpidos, e as crianças percebem isso porque são muito inteligentes. A inteligência tem a ver com cultura, mas são coisas diferentes. A pessoa pode não ter ainda os instrumentos necessários para compreender determinado livro, mas tem a inteligência toda. O desafio é esse: criar uma história capaz de cativar uma criança – portanto, uma história inteligente – e com uma linguagem que, sendo rica, não seja hermética.

Escreveu-os para alguém?

Eu tenho dois filhos, uma menina agora com cinco anos e um filho com 12, e penso sempre neles quando escrevo.

Na sua escrita para crianças procura tratar alguns temas em especial? Porquê?

Em especial, não. É um pouco como escrever para adultos: é o que vai surgindo; não penso: «agora vou escrever sobre isto ou aquilo...»

E há alguns valores que procure transmitir?

Acho sempre que há, mas também não penso que a literatura deva ser dirigista.

Por que é que muitos dos protagonistas das suas histórias infantis são animais? Tem predilecção pelas fábulas?

Nas histórias tradicionais em África há muitos animais sempre – as fábulas com os animais que falam, os animais humanizados, que são uma presença constante – e também fui sempre ouvindo histórias. É uma coisa que a pessoa adquire sem dar conta.

Nas suas histórias, está muito presente o maravilhoso e cria por vezes pequenas histórias que se assemelham a lendas. De onde vem esse gosto?

Provavelmente da mesma coisa. Eu fui criado num meio em que as pessoas contavam muitas histórias e quando eu era criança, nós não tínhamos televisão; tenho muitos primos e fui criado com eles também e nos almoços havia muita gente e cada pessoa contava uma história. Fui criado assim, sempre ouvi contar histórias, histórias fantásticas, extraordinárias...

Houve alguns aspectos ou memórias da sua infância que passou para os seus livros infantis?

É inevitável; acho que sim, sempre passam.

Publicou dois livros infantis em Portugal até agora*, ambos com ilustrações de Henrique Cayatte. O ilustrador foi escolhido por si?

Foi. Conheci o Henrique há muitos anos, no *Público*; o Henrique foi quem fez o primeiro desenho do *Público* e também, durante muito tempo, fez ilustrações para pequenas crónicas que havia no *Público*, numa secção especial de crónicas de viagem. E sempre fui

* Editou, entretanto, um outro livro infanto-juvenil no Brasil, *O Filho do Vento* (Rio de Janeiro: Editora Língua Geral, 2006).

fascinado pelo desenho, pelo traço do Henrique; portanto, quando se pôs a questão de fazer estas histórias, sugeri logo o nome do Henrique, acho que esses dois livros são dos dois, de facto.

Gostava que outros ilustradores ilustrassem as suas histórias?

Sim; há ilustradores muito bons aqui em Portugal; eu gosto muito de ilustração, de desenho, de banda desenhada.

Gostava de publicar mais livros para crianças? Tem algum já pensado?

Gostava. Não pensei, mas já falei com o Henrique Cayatte sobre isso e quero fazer.

Tem autores e obras infanto-juvenis que recomende?

Talvez a Sophia de Mello Breyner Andresen, de que gosto muito; um clássico no Brasil, que é o Monteiro Lobato e o Mia Couto tem alguns livros para crianças também muito bons. ■